

A DESAPROPRIAÇÃO NOS PAIS DO PAPEL DE EDUCADOR SEXUAL DOS FILHOS

Aluno: Cristiano Abreu Leão¹

Orientador: Pedro Lúcio Duarte de Paula²

RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão analítica sobre o conceito de dispositivo de sexualidade e sua função-relação com a educação sexual na família contemporânea mais precisamente no que tange à desapropriação nos pais do papel de educador sexual dos filhos. Para isso foi preciso retomar historicamente o conceito de dispositivo de aliança até o período da Revolução Industrial que culminou com a consolidação do dispositivo de sexualidade que foi estudado dentro da sociedade disciplinar e sociedade de controle. O marco teórico utilizado foi a obra História da sexualidade I: A Vontade de Saber, de Michel Foucault. A metodologia empregada foi a análise arqueológica de discurso e a pesquisa foi apresentada nos moldes de um ensaio teórico qualitativo de natureza exploratória. Os resultados evidenciam que a desapropriação nos pais do papel de educador sexual dos filhos é antes a constatação de que este papel nunca de fato foi dos pais, do que a percepção na história de algum processo desapropriador. A educação sexual é tanto produto quanto objeto de investimento do dispositivo que visa atender aos seus objetivos de expansão e dominação através da atuação dos pais nessa função-papel.

Palavras-chave: Dispositivo de sexualidade; educação sexual; família.

ABSTRACT

The present article proposes a reflexion about the concept of sexuality apparatus and its function-relation with the sexual education in the contemporary family, more precisely on that which relates with the dispossession of the parents in the role of sexual educator form their children. For this, it was necessary to retake historically the concept of alliance apparatus until the period of Industrial Revolution that culminated with the establishment of the sexuality apparatus studied inside the disciplinary society and control society. The theoretical mark utilized was the work The History of Sexuality I: The Will to Knowledge, written by Michel Foucault. The methodology employed was the archeological discourse analysis and the research was presented in the standards of a theoretical essay of exploratory nature. The results show that the dispossession of the parents in the role of sexual educator from children is, before the finding that this role was never in fact of the parents, rather than the perception of any dispossession process in history. The sexual education is both product and object investment form the apparatus that aims to attend its objectives of expansion and domination through the acting of the parents in this function-role.

Key words: Sexuality Apparatus; Sex Education; Family.

1 INTRODUÇÃO

Na obra História da Sexualidade I: A Vontade de Saber, o filósofo francês Michel Foucault apresentou ao mundo sua tese sobre o estudo da sexualidade. A partir de uma análise arqueológica de discurso elaborou o conceito de dispositivo e estudou o sexo em sua correlação com a ordem de poder. O sexo foi o responsável pela junção entre poder, saber e

¹Bacharelado em Psicologia pela Faculdade Ciências da Vida; Bacharel em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Viçosa. E-mail: cristiano.terapeuta@outlook.com

² Bacharel em Psicologia e Especialista em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: pedrolucioduarte@yahoo.com.br

prazer dentro de um mesmo jogo em que o dispositivo de sexualidade era usado como ferramenta com fins de expansão e dominação (FOUCAULT, 2014).

A analítica proposta trouxe o entendimento de que nos tempos modernos (século XIII à XVIII) o uso do corpo e de seus prazeres era regido pelo dispositivo de aliança num estado monárquico que se orientava pelo direito de morte sobre os indivíduos (FOUCAULT, 2014). Com o advento da Revolução Industrial foi preciso (re)inscrever uma nova lógica para o corpo e sexo em função da realidade emergida no incipiente modelo de produção nas fábricas. Para alcançar os objetivos capitalistas de expansão de domínios e lucro, o estado passaria a exercer sua função num sentido de cuidado com o corpo e preservação da vida (FOUCAULT, 2014). Era necessário garantir a mão-de-obra para o árduo trabalho nas fábricas e expandir os mercados consumidores. Nesse momento a burguesia fez pesar outra lógica e saberes no uso do corpo e seus prazeres. O dispositivo de sexualidade nasceu no seio da família burguesa e foi a ferramenta sob a qual os burgueses expandiram para e na sociedade a emergente noção de corpo, sexo e sexualidade (FOUCAULT, 2014).

O dispositivo de sexualidade aparece como o aparato em que o poder cria, sustenta e expande seus ideais. Um dispositivo de característica multilinear e heterogênea que abrange elementos discursivos e não discursivos numa grande rede de saberes que possibilita que dele se erijam outras linhas de força que abarquem novas subjetividades no modo de uso do corpo e de seus prazeres (FOUCAULT, 1984). O objetivo do dispositivo não é o de interditar o sexo, mas sim, o de controlá-lo dentro de uma economia de corpos no que politicamente foi estabelecido e convencionado (FOUCAULT, 2014).

A capacidade desse dispositivo em criar, inovar e expandir os saberes em torno do sexo fica evidente na constatação histórica de que este ultrapassou o período da sociedade disciplinar no qual foi constituído e permanece até os dias atuais como a ferramenta de uso pelo poder na sociedade de controle. Isso se deu na medida em que houve uma multiplicação de discursos no meio científico que transpassou e deixou seus rastros (saberes) em todos os grupos e indivíduos na sociedade (FOUCAULT, 2014). A tecnologia e globalização possibilitaram ao dispositivo fazer progredir suas noções sobre o sexo e construir gradativamente as funções e papéis em torno deste.

Nesse ínterim é que o dispositivo de sexualidade adentra o núcleo familiar e dá os limites e contornos para o papel dos pais em serem educadores sexuais dos filhos. Papel que define uma função educativa para o sexo no lar e que se evidencia como um objeto de investimento pelo próprio dispositivo em seus objetivos de controle e expansão dos domínios do poder (FOUCAULT, 2014). A ordem do dispositivo é a de fazer operar e transitar nesse

papel os seus designios e saberes, o que afasta os pais da autonomia necessária para o exercício dessa função. É dessa forma que o dispositivo adentra, atua e influencia as famílias.

A partir da tese discorrida por Foucault é que o tema desse trabalho de pesquisa foi extraído e apresentado enquanto: o dispositivo da sexualidade e a educação sexual na família contemporânea do ocidente. Tal temática suscitou uma demanda de resposta ao seguinte problema de pesquisa: de que forma o dispositivo de sexualidade perpassou as relações familiares e atuou para a desapropriação nos pais do papel de educador sexual? Com isso a hipótese a ser investigada parte do entendimento de que a sexualidade é tanto um produto do dispositivo de sexualidade como um objeto de seu investimento e por isso os pais nunca se apropriaram de fato desse papel de modo livre e autônomo.

A presente pesquisa traz como objetivo geral, a perspectiva de se apresentar uma analítica sobre o modo pelo qual o dispositivo de sexualidade se constituiu e operou historicamente no ocidente culminando com a desapropriação nos pais do papel de educador sexual dos filhos. Para alcançar tal intento foi preciso perpassar os seguintes objetivos específicos: apresentar a construção histórica e a analítica de funcionamento do dispositivo de sexualidade, investigar a correlação entre o dispositivo de sexualidade e os movimentos de resistência na contemporaneidade e demonstrar como a multiplicação de discursos científicos influenciaram a família contemporânea na educação sexual.

É, portanto, justo o entendimento de que a realização desta pesquisa foi imprescindível para ampliar a fundamentação teórica sobre o tema e facilitar o uso desse saber nas atividades práticas e cotidianas dos profissionais que trabalham direta ou indiretamente com educação sexual. O conhecimento produzido nesse ensaio teórico diz sobre a desapropriação nos pais do papel de educador sexual dos filhos e torna oportuno um espaço de denúncia em que pese questionar a ética por detrás do uso do dispositivo nos jogos de poder, na medida em que atua pela normalização deste papel e limita a autonomia dos pais em seu exercício.

Dessa forma, os resultados apontam que o papel de educador sexual deve ser entendido como produto resultante de uma urgência histórica e objeto de investimento do dispositivo nos jogos de poder. Papel este criado com a finalidade de garantir a expansão dos domínios de poder na medida em que define os contornos e limites da atuação dos pais na educação sexual dos filhos. A desapropriação nos pais do papel de educador sexual dos filhos é antes a constatação de que este papel nunca de fato foi dos pais, do que a percepção na história de algum processo desapropriador.

2 REFERENCIAL

2.1 O QUE SÃO DISPOSITIVOS?

Ao longo de seus estudos e obra, Foucault estabelece e desenvolve o conceito de dispositivo que em sua intrínseca função estratégica dominante visa atender a certas urgências (demandas) históricas quanto ao saber (FOUCAULT, 1984). Um dispositivo deve ser compreendido como um conjunto multilinear e heterogêneo composto por elementos discursivos e não discursivos tais como: leis, enunciados do tipo científico, discursos, propostas de cunho moral e filosófico, atos administrativos, instituições (FOUCAULT, 1984). O dispositivo é a rede criada a partir das infinitas possibilidades de interconexões entre esses elementos que se configuram em linhas de natureza diferentes que, ao invés de delimitarem um sistema homogêneo, estabelecem processos que permanecem sempre em perpétuo desequilíbrio e transmutação que oferecem outros campos racionais para (re)interpretação de uma prática (FOUCAULT, 1984).

Tal conceituação remete ao entendimento do dispositivo a partir da noção de um jogo estratégico de poder composto por linhas de força que atravessam e sustentam certos tipos de saber que também o sustentaria (o dispositivo) (FOUCAULT, 1984). A relação entre dispositivo e saber não se articula em função de uma fórmula binária de causa e consequência, pelo contrário, há uma dependência mútua e recíproca que garante suas articulações e sobrevivência (MARCELLO, 2004).

Compreendido que o dispositivo e os tipos de saber estabelecem e permanecem numa relação contínua de cocriação, não poderia ser de outra natureza a relação entre o poder e o saber (MARCELLO, 2004). A existência de um está condicionada à existência do outro. Ambos se afetam mútua e reciprocamente. O poder é também o responsável por condicionar a existência do dispositivo aos tipos de saber. Isso se dá à medida que, ao fazer uso de certas estratégias de dominação por meio de correlações de força (linhas de força) que atravessam e transpõem o dispositivo ininterruptamente, o poder permite ao dispositivo expandir e abraçar outros tipos de saber (DELEUZE, 1990). Estes ampliam e/ou rompem com modos preexistentes de subjetivação e normalização que se apresentam delineados por certas linhas de força em diferentes curvas de visibilidade e regimes de enunciação. O poder age para ampliar os próprios domínios num esforço que sujeita o dispositivo e o saber a um movimento perpétuo em que se cria, rompe e amplia a rede entre os elementos desse dispositivo em função de saberes que justifiquem, mascarem ou reinterpretem uma prática ou discurso (MARCELLO, 2004).

Poder, saber e dispositivo estão intrínseca e mutuamente interligados operando a rede lógica que sustenta a ordem e vida em sociedade, mediante a, urgências (demandas) que se consolidam em função de objetivos estratégicos de dominação que visam e se efetivam pelo assujeitamento dos indivíduos num movimento de desequilíbrio para a normalização das massas (MARCELLO, 2004). Os três compõem uma maquinaria cujo funcionamento da engrenagem se harmoniza na luta pelo assujeitamento de indivíduos que são o combustível que abastece e retroalimenta essa máquina para que ininterruptamente avance e expanda seus espaços de dominação e produza modos concretos de agenciamento (DELEUZE, 1991).

Nesse interim, num momento em que na história se encerra a era da produção artesanal e o capitalismo industrial desponta nas revoluções com uma nova classe dominante, a burguesia, é que os fundamentos e demanda se consolidam para a construção do dispositivo de sexualidade num movimento de declínio e desarticulação do vigente dispositivo de aliança. O dispositivo de sexualidade se apresentaria a partir de uma nova noção e uso do corpo.

2.2 O DISPOSITIVO DE SEXUALIDADE

Na obra *História da sexualidade: A Vontade de Saber*, Foucault apresenta uma arqueologia em torno do que definiu enquanto dispositivo da sexualidade. Segundo Foucault (2014) a sua intenção era mais de investigar e propor uma analítica do poder do que uma teoria em si. Para o entendimento do dispositivo de sexualidade será necessário alcançar fatos e urgências históricas que demandaram ao poder a criação de uma nova ordem estratégica de dominação. O corpo é o local imediato em que o poder opera, investe, marca e dirige suas forças e faz erigir o dispositivo de sexualidade (CIRINO, 2007).

Na Europa (século XVII), mais especificamente no Reino Unido, as práticas sexuais eram um tanto livres e libertinas (FOUCAULT, 2014). As condutas sexuais não procuravam o segredo e as pessoas conversavam abertamente sem maiores preocupações com o que seria dito (FOUCAULT, 2014). O coito era procurado sem maiores disfarces e não havia um código de conduta suficientemente forte e eficaz de gerar nas pessoas um sentimento digno de pudor e respeito (FOUCAULT, 2014). A impudicícia pairava a céu aberto entre corpos e órgãos sexuais que facilmente eram exibidos e se misturavam em meio a crianças que presenciavam conversas acaloradas e recheadas de algum escândalo (FOUCAULT, 2014).

Ao desenvolver o conceito de dispositivo e fazer dele uma ferramenta analítica do poder, Foucault tornou possível a (re)inscrição na história de uma ótica diferente em torno dos corpos e das relações de poder. Tomando o fato histórico de que competia à igreja (séc. XVII)

a função de sacralização do corpo enquanto instrumento divino para o amor e procriação, o uso dessa ferramenta analítica não se justificaria pela negação de que a igreja interditava o corpo e o uso dos prazeres, mas na constatação de que a igreja era apenas parte de uma trama de relações e jogos estratégicos de poder que consolidavam modos de subjetivação e normalização do corpo a partir do dispositivo de aliança (FOUCAULT, 2014).

Segundo Foucault (2014), entre a Idade Média e a Idade Moderna (até meados do século XVIII), foi o dispositivo de aliança que tratou de nomear a forma e o modo como o corpo deveria ser usado. Essas sociedades eram marcadas pelo entrelaçamento do poder do estado monárquico ao direito, em que os monarcas detinham e usavam do direito de morte sobre os indivíduos (o povo) em prol da fidelidade para com a sua vida (o rei) e a manutenção do próprio reino (ordem de poder) (FOUCAULT, 2014). Tal estado vigorava dentro de um sistema econômico feudal e pré-capitalista em que a igreja se apresentava como forte aliada para a manutenção e expansão do dispositivo de aliança no corpo social (FOUCAULT, 2014).

O dispositivo de aliança atuava através de mecanismos constritivos e o discurso enunciado gravitava em função do que garantia a lei para a manutenção dos vínculos de status definidos entre os parceiros e na transmissão de nomes, posses e riquezas (FOUCAULT, 2014). Havia um discurso de permissividade no uso dos prazeres e do corpo desde que dentro do sacro matrimônio, numa família patriarcal, entre homem e mulher e com fins reprodutivos (FOUCAULT, 2014). Os graus de parentescos e o gênero eram fixadores de papéis e funções, sendo o filho primogênito o herdeiro nato (FOUCAULT, 2014). O dispositivo de aliança era estruturado a partir de um sistema de regras entre permissão e proibição, prescrição e ilicitude, a fim de manter o funcionamento do estado e ordem de poder (FOUCAULT, 2014).

Na medida em que a vida em sociedade foi sendo modificada a partir da Revolução Industrial (séc. XVIII e XIX), toda uma nova lógica em torno do sexo precisou ser prontamente (re)construída e (re)consolidada. As noites voluptuosas e indecentes passariam a ficar apenas nas recordações dos indivíduos que deveriam, a partir de agora, se adequarem aos novos padrões morais e de conduta sexual que tomavam forma (FOUCAULT, 2014). A transição do processo de produção artesanal para o de produção industrial foi demarcada pelo surgimento de novas demandas em torno da organização do trabalho em total acordo com os anseios da classe dominante burguesa. O declínio do sistema econômico foi acompanhado pela mudança de perspectiva de um estado que agora não mais se erigia sob o direito de morte (FOUCAULT, 2014). A emergente sociedade industrial mancomunava com o ideal de direito pela vida, uma vez que as exigências pelo incremento da produtividade e lucros demandavam um crescente aumento da força produtiva de trabalho (operários) e expansão de

mercados consumidores (FOUCAULT, 2014). As preocupações se voltavam para a saúde do trabalhador, crescimento demográfico, distribuição de riquezas, num movimento de expansão e dominação originado na e pela classe burguesa (FOUCAULT, 2014).

Para alcançar suas metas econômicas (lucro e produtividade) e manter a ordem de poder, a burguesia agiu em função de uma nova racionalidade sobre o corpo em termos dos cuidados com a saúde. A qualidade das práticas sexuais e o uso dos corpos por prazer passaram a ser objeto imediato e de grande investimento nos jogos de poder pelo dispositivo de sexualidade (FOUCAULT, 2014). Dispositivo este entendido enquanto acervo heterogêneo forjado pela interconexão (rede) de práticas, técnicas e discursos que visam ampliar, restringir e intensificar os prazeres e domínios de conhecimento sobre os corpos (CIRINO, 2007).

É válido ressaltar o abandono por parte de Foucault (2014) à ideia de uma hipótese repressiva em que a burguesia, no uso do poder e saber, por meio de estratégias de dominação, teria feito repousar, verticalmente, de cima para baixo, primeiro e diretamente sobre os operários, essa nova organização em torno do corpo a fim de que esses trabalhadores comedissem e regrassem o sexo para atender às exigências físicas de trabalho nas fábricas e garantissem a (re)organização do corpo no social em vista ao modelo econômico vigente. O que sobressai não é negar a ideia de que houve nessa época uma repressão sexual, mas sim, de que para alcançar os seus propósitos a burguesia não só inventou uma nova realidade de investimento sobre o corpo e uso dos prazeres como o fez pesar primeiramente sobre si (na família burguesa) para poder avançar estrategicamente em direção aos seus anseios de dominação (FOUCAULT, 2014).

É possível pensar, a partir desse agenciamento político sobre a vida, em que a burguesia afirmou tal noção de corpo primeiramente sobre si e não por submissão e imposição aos operários das fábricas, o nascimento e efetivação do dispositivo de sexualidade dentro da própria família burguesa (FOUCAULT, 2014). Esta que, ao agir politicamente sobre o próprio corpo, modificou não somente a lógica em torno das necessidades, sensações e uso dos prazeres, ao sinalizar para o perigo dos gozos na carne e das necessidades de cuidado com a saúde para a sobrevivência, mas foi também o alicerce, a sustentação em que o dispositivo de sexualidade emergiu e se consolidou para e na sociedade (FOUCAULT, 2014).

2.3 ALINHAVOS ENTRE O DISPOSITIVO DE SEXUALIDADE E A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA

Segundo Foucault (1984), dispositivo corresponde a uma rede firmada entre as possibilidades de se gerar tipos de saber em decorrência da interconexão entre diferentes elementos discursivos e não discursivos. A função do dispositivo é alcançar os indivíduos em sua subjetividade de forma totalitária por meio de operações de assujeitamento e de normalização (MARCELLO, 2004). Devido a sua natureza heterogênea e multilinear, o dispositivo se torna uma ferramenta de poder sempre aberta para se expandir em direção a outros modos de subjetivação e normalização (MARCELLO, 2004).

De um dispositivo são sempre esperadas relações de poder assimétricas e flexíveis derivadas de inúmeros pontos originados em sua rede que pelo movimento em linhas de força, na apresentação em regimes de enunciabilidade e curvas de visibilidade, determinam outros modos de subjetivação para anexação dos sujeitos (DELEUZE, 1990). O dispositivo de sexualidade não deve ser entendido como de natureza puramente repressora e pautado somente na operação de interdição, pois um poder que se move apenas pelo interdito não é capaz de criar e abraçar novas subjetividades no uso do sexo e seus prazeres (FOUCAULT, 2014). Nas sociedades contemporâneas, o dispositivo de sexualidade teve como operação estratégica fundamental não aquela que interdita o sexo e o lança ao vazio e obscuridade, ao contrário, a ideia é fazer do sexo um segredo a ser cada vez mais e mais falado a fim de que outros modos de subjetivação possam ser estabelecidos e alcançados (FOUCAULT, 2014).

O dispositivo de sexualidade tem um fim em si mesmo de prover uma multiplicação de discursos. Discurso que não deve ser entendido apenas enquanto uma representação do sistema de dominação ou das lutas que ocorrem, mas como aquilo que garante o ideal pelo que se luta, enfim, a multiplicidade de discursos é um meio também de se obter certo apoderamento sobre o poder (FOUCAULT, 1996). É possível pensar, como exemplo, no saber médico que, enquanto disciplina científica, atuou tanto sobre o corpo em função de obter para si algum poder a partir de seus discursos dominantes, bem como, por esses mesmos discursos foi mutuamente responsável pela expansão das lutas (o ideal) em torno dos cuidados para com o corpo e uso dos prazeres (FOUCAULT, 2014).

No entanto, a multiplicação de discursos não se valia apenas em direção à consolidação do dispositivo de sexualidade. Havia uma luta contra o outro, o antigo e indesejado dispositivo de aliança (FOUCAULT, 2014). Era preciso enfraquecê-lo em sua importância estratégica de dominação diante do emergente cenário sócio econômico político que não mais se sustentaria numa ordem de poder e direito sobre a morte e voltada para um ideal sexual de reprodução, tradição e herança (FOUCAULT, 2014). A multiplicação de discursos erigiu num estado que consolidava o sexo a partir da noção de direito sobre a vida e

o fundamentava enquanto uma verdadeira *scientia sexualis* (FOUCAULT, 2014). Ciência da sexualidade que visava à busca de um discurso de verdade sobre o sexo, a partir de uma estratégia de gerar uma vontade de saber mais e mais sobre sexo, em que, a prática de confissão originária das igrejas foi migrada para os consultórios médicos constituindo-se em técnica para a extração dos maiores e mais obscuros segredos e de fixação da verdade naquele que escuta e não mais em quem fala (FOUCAULT, 2014). A *scientia sexualis* se consolida enquanto espaço de afirmação e apoderamento do saber científico frente ao sujeito.

A multiplicidade de discursos emerge do dispositivo de sexualidade em curvas de visibilidade e regimes de enunciabilidade que atravessados por linhas de força, de subjetividade e de ruptura (DELEUZE, 1990) se tornam os responsáveis pela produção pedagógica da sexualidade nos sujeitos. A sexualidade é um constructo, um saber resultante do avanço e proliferação dos conhecimentos científicos em torno do sexo. À medida que se define a noção de sexualidade, o dispositivo amplia seu espaço de ação, deixa o ideal primeiro da família burguesa (de onde se ergueu) para gerar outros modos de subjetivação (FOUCAULT, 2014). O dispositivo de sexualidade cria, amplia, anexa, inova, penetra e configura de modo mutável as funções na família contemporânea (FOUCAULT, 2014). A heterogeneidade da família contemporânea decorre tanto em função da própria natureza multilinear e expansiva do dispositivo, bem como em função das mudanças nas estratégias de dominação que cruzaram essa família em dois períodos distintos da história. A família contemporânea assume traços diferentes nos períodos em que as estratégias de vigilância e punição na sociedade disciplinar (até a Segunda Guerra Mundial) cedem lugar às estratégias totalitárias e de assujeitamento na sociedade de controle (até os dias atuais).

3 MÉTODOS E RESULTADOS

3.1 MÉTODOS

O presente trabalho é uma pesquisa de natureza exploratória que tem por objetivo tornar o problema estudado mais familiar, de maneira que permita a construção de hipóteses ou torná-lo ainda mais explícito (GIL, 2002). Para isso o delineamento a ser utilizado se baseou na construção de um ensaio teórico a partir de uma revisão bibliográfica sobre artigos científicos, monografias e dissertações de mestrado. A coleta de dados ocorreu nas bases de dados SCIELO e PePSIC por meio dos seguintes descritores: educação sexual, família, dispositivo de sexualidade, sociedade de controle e sociedade disciplinar.

Os dados coletados na pesquisa bibliográfica foram analisados qualitativamente e interpretados por meio do método de abordagem dialético, uma vez que era necessário interpretar de modo abrangente o fenômeno estudado (desapropriação nos pais do papel de educador sexual) dentro de um contexto sócio, histórico, político, cultural e na ordem de poder (PRODANOV; FREITAS, 2013). Para isso foi preciso empregar a análise arqueológica de discurso de Foucault (2008) para extrair o sexo e a sexualidade do campo de fenômenos naturais e enquadrá-los na ordem de poder.

O marco teórico utilizado foi a obra História da sexualidade I: A Vontade de Saber, de autoria do filósofo Michel Foucault (2014) que abordou a temática sexualidade de modo bastante singular e influenciou diversos outros autores em pesquisas posteriores.

3.2 RESULTADOS

2.1 SOCIEDADE DISCIPLINAR: O CORPO, A FAMÍLIA E A EDUCAÇÃO SEXUAL

Segundo Foucault (1999) no período conhecido como tempos modernos (século XIII à XVIII) a punição era o foco das ações do estado em relação aos indivíduos que se colocavam contra as leis e o próprio estado. Punir de maneira espetacular e violenta (esquartejamento, enforcamentos, dilacerações, mutilações, etc.) antes de ser um instrumento contra o infrator tinha todo um sentido voltado para a manutenção da ordem social na medida em que se esperava que o medo e horror impedissem ou desincentivassem os indivíduos a se colocarem numa posição de confronto contra o sistema, as leis, o estado e o poder (FOUCAULT, 1999). As mudanças socioeconômicas que ocorreram em meados do século XVII e XVIII levaram também à modificação da lógica e ordem em que o poder operava as noções e ações jurídicas sobre os indivíduos. A perspectiva de punição deu lugar à de vigilância em locais de confinamento em que no lugar dos espetáculos presenciados nas mortes e martírios surgiram as prisões com o olhar sempre atento dos vigilantes (FOUCAULT, 1999).

Para Foucault (1999) o período pré-Revolução Industrial marcou a fundação de um novo tipo de sociedade: a sociedade disciplinar. Nesta o poder tinha no enclausuramento em espaços de confinamento a sua principal operação. Enclausuramento que não se refere unicamente às prisões, mas a quaisquer espaços em que as pessoas pudessem transitar (escola, igreja, ruas, etc.) e estivessem sob vigilância em tempo integral de suas condutas e comportamentos num movimento de modulação das malhas do tecido social (COSTA, 2004).

Na sociedade disciplinar, o poder investe sobre um corpo maleável e flexível ao qual procura meios de moldar suas formas (subjeter e normalizar) em prol de certos interesses (jogos de poder) (FOUCAULT, 2014). O confinamento seria o local ideal para tal investidura, já que era marcado pela subordinação hierárquica dos indivíduos (massas) dentro de um espaço controlado que visava evitar faltas, desperdício de tempo, formações de grupos de resistência e tudo o que pusesse o poder sob confrontação (COSTA, 2004). A sociedade disciplinar teria na vigilância dos corpos, em qualquer tempo e espaço, sua principal estratégia para o exercício e manutenção do poder.

Nesse contexto, pensar em educação sexual na família remeteria primeiramente a um espaço de confinamento, o lar, em que hierarquicamente (micropoder) os pais estariam investidos de algum poder-saber que se efetivaria pela constante vigilância aos subalternos (filhos), na estimulação em sempre fazê-los falar sobre sexo usando para isso a técnica de confissão e na punição aos filhos pela imposição de sua verdade diante de qualquer transgressão (FOUCAULT, 2014). Nenhum ato sexual deveria passar impune ao olhar dos pais. Quaisquer desvios de conduta sexual deveriam ser percebidos e prontamente corrigidos. A normalidade sexual era o resultado da consolidação e expansão de um novo dispositivo que atendia às urgências de cada época. O empoderamento dos pais fazia parte de uma rede de jogos de poder-saber controlados pelo dispositivo de sexualidade, sendo tanto objeto de investimento quanto de sustentação do dispositivo que se consolidou a partir da e na família burguesa em seus anseios de expansão e domínio econômico (FOUCAULT, 2014).

Ao perceber as necessidades de reorganização da lógica e estrutura do corpo social em função das novas demandas de trabalho que emergiram com a Revolução Industrial, a burguesia influenciou e se deixou influenciar por um conjunto de saberes e discursos que permitiriam e sustentariam a sua própria posição nos jogos de poder e expansão de domínios (FOUCAULT, 2014). Tal efeito só foi possível com a reorganização da noção e uso do corpo e seus prazeres no processo de transição do dispositivo de aliança para o de sexualidade. Para tal intento a burguesia contava com o desenvolvimento discursivo em certos campos de saber, principalmente o médico-psicanalítico, que contribuíram decisivamente para a localização da nova visão sobre o corpo que defendiam e desejavam normalizar (FOUCAULT, 2014). Os discursos do corpo histórico na mulher, da masturbação na criança, as perversões no adulto, o casamento malthusiano pautado nas premissas de amizade, companheirismo e afeto entre o casal, mas que negava um fim reprodutivo, deram eficiência ao processo de subjetivação e normalização da noção de corpo e uso de seus prazeres que afetaram decisivamente a função dos pais na educação sexual (FOUCAULT, 2014).

Sem preocupação com a cronicidade dos fatos, aos discursos médicos, psicanalíticos podem ser somados outros tantos como da pedagogia, igreja, economia, direito, que foram propulsores do movimento de expansão heterogênea e multilinear dos saberes sobre o corpo pelo e no dispositivo (FOUCAULT, 2014). Embora que, na sociedade disciplinar o controle pelo poder fosse exercido em função de uma ordem hierárquica referente ao espaço em que o indivíduo estivesse confinado, é fato que o dispositivo de sexualidade alcançava a todos os sujeitos horizontalmente e redistribuía o poder (feixe de relações) independentemente de escopo ou localização (FOUCAULT, 2014). Dessa maneira, os pais no lar, o pedagogo na escola, o psicanalista no divã e o médico no consultório, se investiam de algum poder para controlar e influenciar seus subalternos a partir dos proeminentes discursos subjetivados dentro do próprio dispositivo. O sexo e a sexualidade foram construídos a partir do entrecruzamento de múltiplos saberes validados por esse dispositivo (FOUCAULT, 2014). Um dispositivo que mesmo diante de qualquer forma de resistência deveria se apropriar desses novos saberes e criar outros modos de subjetivação a fim de prontamente reabsorverem os resistentes e as resistências (BRANCO, 2001).

Para a compreensão integral sobre a função da educação sexual nas famílias da sociedade disciplinar é preciso pensar sobre a lógica do poder em ambos os dispositivos: o da sexualidade e o de disciplina. Ao dispositivo de sexualidade compete a construção e enunciação de uma rede de elementos discursivos e não discursivos que definem um discurso de verdade sobre o sexo, numa relação dual entre o certo ou errado, permitido ou interdito, o que pode ou não ser revelado (FOUCAULT, 2014). Já o dispositivo de disciplina funda na estrutura hierárquica da família a posição que cada membro nela ocupará para o exercício das funções e papéis esperados dentro do lar, bem como afirma sobre quais estratégias o poder deve ser exercido (vigilância, controle, correção, confinamento) (FOUCAULT, 2014).

Na junção estratégica e nos jogos de poder derivados de ambos os dispositivos que operam e se influenciam mutuamente é que se vê a educação sexual tomar os contornos que historicamente foram sendo definidos como naturais: o pai provedor e castrador, a mulher histórica e amorosa, o filho obediente e disciplinado (BORDIEU, 2002). Uma família em que os pais devem vigiar quaisquer tentativas de transgressão aos imperativos da sexualidade e que cujo dispositivo deve ampliar suas linhas de interpenetração na família para atender a outras demandas por subjetivação (FOUCAULT, 2014). Antes se à criança masturbadora competia a punição, hoje, a pedagogia e a psicologia ensinam que há lugar para tal forma de expressão, mesmo que seja no segredo do quarto ou banheiro (FOUCAULT, 2014).

Dessa forma ao dispositivo de sexualidade só restava avançar em sua multiplicação de discursos indefinidamente. No entanto, o dispositivo de disciplina declina a partir de meados do século XX, mais especificamente após a Segunda Guerra Mundial. Enquanto que, em *Vigiar e Punir*, Foucault acenava para o emergir de uma nova sociedade, coube a Deleuze, alguns anos depois, dar escopo e fundamentação para a nova sociedade de controle (AGUERO, 2008). Uma sociedade não mais fundamentada na lógica de vigilância em espaços de confinamento. Agora, as estratégias de poder mudam de forma e tornam o poder invisível (COSTA, 2004). Não há mais um elemento centralizador do poder. Nesse contexto as famílias, o sexo e a educação sexual passam por um novo processo, uma reorganização dentro dos mesmos imperativos do dispositivo de sexualidade que se amplia ainda mais diante do arsenal de expansão previsto por essa nova sociedade. Há uma verdadeira explosão de discursos proeminentes sobre o sexo, a sexualidade e a educação sexual.

2.2 SOCIEDADE DE CONTROLE: A MULTIPLICAÇÃO DOS DISCURSOS E AS RESISTÊNCIAS DAS MINORIAS

Em seus primórdios, na sociedade disciplinar, o sexo era domado dentro de uma necessária interdição (FOUCAULT, 2014). Aos indivíduos era permitido falar sobre o sexo, no entanto, somente dentro do que fora politicamente convencionado diante de necessidades específicas de natureza e ordem econômica. Havia todo um rigor para definir aquilo que as pessoas poderiam falar. Existiam discursos que delimitavam não quais as práticas sexuais poderiam ser realizadas, mas sim, as que garantiam que certas formas de expressão não chocassem aos olhares mais distraídos nos espaços públicos comuns (FOUCAULT, 2014).

Diante de uma multiplicação de discursos científicos que visavam estabelecer um discurso de verdade sobre o sexo surgiu toda uma ditadura, uma verdadeira pedagogia em torno das formas de expressão sexual e disciplinamento dos corpos (LOURO, 2001). A sexualidade passou então a ser dividida em termos quantitativos quanto ao número de adeptos a cada tipo de orientação, modo e forma de expressão sexual. Havia uma classe hegemônica (homem, heterossexual, monogâmica, cristã) investida do direito de ditar o que as outras, as minorias, poderiam falar e fazer quanto ao uso dos corpos e seus prazeres (LOURO, 2001). Todo esse processo de expansão discursiva e de homogeneização das massas advindas dos jogos de poder em função do dispositivo de sexualidade ocorre em dois momentos distintos: na sociedade disciplinar e na sociedade de controle.

Enquanto que na sociedade disciplinar os discursos de sexualidade eram direcionados para disciplinar os corpos dentro de espaços delimitados e de confinamento, nas sociedades de controle essa multiplicação de saberes toma outra orientação e proporção na medida em que não há mais limites e contornos específicos para esses espaços. A globalização dissolve a noção de territórios e elimina as fronteiras entre povos e nações. A vigilância localizada dá lugar a um controle disperso e ilocalizável (COSTA, 2004). O poder não está mais visível, encontra-se disseminado em todos os lugares e entre todas as pessoas. Esse tipo de sociedade tem por objetivo controlar e homogeneizar a todos os sujeitos (injunções totalizantes) a partir da interpenetração dos espaços com ausência de limites e ordenados a partir de um tempo contínuo (COSTA, 2004).

Dessa forma a educação sexual não está mais limitada a um local e nem hierarquia. O controle exercido sobre o corpo e sexo se difunde perpetuamente por todas as direções. O dispositivo de sexualidade, em sua rede de saberes e discursos que interpenetram e transpassam os indivíduos, serve de base para que o poder, através das injunções totalizantes, consiga o assujeitamento dos indivíduos e a homogeneização e controle das massas (BRANCO, 2001). Não se trata de uma operação de interdição e rejeição às diferenças, pelo contrário, o poder se move para expandir e abraçar novas subjetividades o que torna a multiplicação de discursos sobre a sexualidade um ponto central nas modificações que sucederam à transição da sociedade disciplinar para a de controle (FOUCAULT, 2014).

Segundo Agueró (2008) o despontamento da sociedade de controle não corresponde a uma ordem imediata e nem substitutiva à sociedade disciplinar. Tal transição deve ser compreendida como gradativa e pautada na desvalorização recorrente das estratégias de poder na sociedade disciplinar frente àquelas da sociedade de controle. Esse mesmo movimento ocorreu na transição entre o dispositivo de aliança e o dispositivo de sexualidade (FOUCAULT, 2014). À medida que essas novas estratégias de poder demonstravam sua força e eficácia o que se percebe é que o dispositivo de sexualidade tem seu modo de operação potencializado e a sua capacidade de expansão e multiplicação de discursos amplificada.

Num mundo cada vez mais globalizado, os avanços tecnológicos, principalmente no segmento de transportes e telecomunicações, aparecem como ferramentas que permitem a troca imediata de informações entre as diversas instituições de saber e o seu conhecimento pelos mais variados povos, pessoas e nações (COSTA, 2004). O dispositivo de sexualidade antes confinado a espaços e a hierarquias localizáveis caminha para uma onipresença disforme totalizante. Os conhecimentos derivados das diferentes culturas que cada vez mais se

intercomunicam instantaneamente servem para ampliar a tessitura das linhas de força que transcendem os limites e poderio de expansão e uso do dispositivo nos jogos de poder.

Com isso as resistências perdem parte do poder de investimento sobre o dispositivo que passa a aceitar as mais variadas e distintas formas de compreensão e expressão sexual. Da fusão entre a *ars erótica* no oriente e a *scientia sexuallis* no ocidente vê-se emergir (no dispositivo) outras tantas linhas de força e discursos de verdade sobre o sexo (FOUCAULT, 2014). As resistências parecem incomodar mais pela forma como questionam o poder, do que, essencialmente naquilo que questionam.

À medida que o poder aceita essas novas subjetivações da sexualidade, uma nova demanda de natureza econômica se oportuniza (FOUCAULT, 2014). Ao poder não basta apenas ter o domínio e controle sobre o saber sexual. É preciso auferir um retorno financeiro que sustente essa própria ordem de poder, tanto pelo incremento de investimento em pesquisas e instrumentos que gerem outros saberes, bem como pela disponibilização de produtos comercializáveis que assegurem a inclusão de todos nos jogos de poder.

Antes de pensar no retorno financeiro advindo da comercialização do sexo é imprescindível visualizar tal operação como uma estratégia do poder frente às minorias e resistências. Segundo Foucault (2014) o que impressiona a sociedade não é a sua capacidade de lançar um véu sobre o sexo e condená-lo à obscuridade, mas sim o de valorizá-lo enquanto um segredo do qual sempre se fala. A sociedade cada vez mais aceita a homossexualidade (minorias) enquanto forma legítima de gozo e de expressão sexual (FOUCAULT, 1984), no entanto, ao homossexual é vedada a livre expressão de afeto, pois sua individualidade está impregnada pelo que é a sua sexualidade. Nada do que é escapa à sua homossexualidade (FOUCAULT, 2014). Um mero abraço no companheiro pode parecer repugnante até mesmo aos olhares mais distraídos. Na escola a homofobia é discutida, mas o homossexual deve velar por manter sua inocência confinando-se num silêncio absoluto.

A importância estratégica da comercialização do sexo ganha um nome. A indústria do sexo atua, portanto, menos diretamente sobre cada indivíduo e mais para a construção do indivíduo social (injunções totalizantes), resignando as massas a um padrão formatado em que todos se encaixem a fim de respeitarem aos impositivos no uso do corpo e dos prazeres (FOUCAULT, 2014). O dispositivo de sexualidade nomeia e permite a essa indústria definir normas, formas, modas e modismos, na maneira de cada indivíduo se comportar, falar, fazer ou referir ao sexo. O poder se obstina pela intensificação dos prazeres através da ampliação de centros de poder que comercializam o sexo de forma prolixa e circular (FOUCAULT, 2014).

Dessa forma, a sociedade de controle dá novas direções ao dispositivo de sexualidade. Às resistências parece dormir um futuro ingrato em resistir de dentro de um dispositivo que parece não perder sua força e capacidade de expansão (BRANCO, 2001). As lutas parecem sempre retornar ao mesmo lugar em que o poder sai sempre fortalecido. No entanto é preciso ampliar essa noção de resistências para observar outros espaços de luta, aqueles que contornam e ultrapassam o dispositivo de sexualidade (FOUCAULT, 1984). Em *História da sexualidade I: a Vontade de Saber*, Foucault (2014) aponta para um movimento de resistência que deriva da explosão de possibilidades de uso do corpo e dos prazeres pelo dispositivo de sexualidade em que setores e indivíduos da sociedade trazem novamente para o discurso os ideais e valores pregados no dispositivo de aliança. Em *Microfísica do poder*, Foucault (1984) esboça o surgimento de um movimento que tenta reduzir o valor de enunciação do sexo enquanto verdade para produzir outras formas de relações, prazeres e afetos em seu uso.

Um elemento central para essas lutas é a família, ou melhor, a percepção da desestruturação do que se conhecia enquanto família tradicional. Alguns lutam pela manutenção ou ao retorno de valores tradicionais. Outros tantos resistentes parecem se adequar aos ditames do dispositivo de sexualidade ao exigirem o reconhecimento das diferenças das minorias sem se preocupar com a redistribuição da igualdade, não se consolidando propriamente dito numa luta contra o poder (BAUMAM, 2003). Por fim, há aqueles que se posicionam no devir, num para além, numa lacuna a ser preenchida entre o dispositivo de sexualidade e de aliança. É nesse contexto que a desapropriação nos pais do papel de educador sexual dos filhos será discutido.

2.3 DESAPROPRIAÇÃO NOS PAIS DO PAPEL DE EDUCADOR SEXUAL DOS FILHOS

Os avanços tecnológicos conquistados a partir das últimas décadas do século XX garantiram à ciência uma condição ímpar em incrementar suas pesquisas e disseminar os saberes produzidos. A era da informação com a rede mundial de computadores ampliou o potencial totalizante das injunções científicas (COSTA, 2004). Os meios de comunicação de massa tornaram instantânea a propagação de mensagens. Houve uma (re)democratização da comunicabilidade diante da possibilidade de qualquer pessoa poder fazer circular suas verdades e discursos (COSTA, 2004). Qualquer pessoa com acesso à rede tem a possibilidade de buscar conhecimentos antes resguardados às academias e instituições de pesquisa.

Nesse contexto, o saber biomédico passa a influenciar direta e maciçamente os indivíduos em suas ideias e pensamentos sobre o corpo e uso dos prazeres. Na sociedade de

controle é impossível pensar na visibilidade do poder que ao alcançar de modo imperceptível às pessoas cumpre com o objetivo duplo de trazer os indivíduos para dentro dos jogos de poder e também o de enfraquecer a capacidade de questionamento e resistência às imposições do dispositivo (BRANCO, 2001). Embora a internet (re)democratize o espaço de uso do conhecimento pela visibilidade e enunciabilidade de saberes, o que se percebe é uma reduplicação pelas massas de discursos sobre sexo originários do próprio dispositivo, mais especificamente, aqueles derivados da biomedicina (FISCHER, 2002).

À medida que as linhas de força derivadas do dispositivo de sexualidade alcançam os indivíduos é possível pensar em pelo menos três modos resultantes (linhas de subjetividade) desse investimento. No primeiro, se encontram aqueles que concordam sem nenhuma resistência ou consciência dos investimentos desse dispositivo e disseminam sem nenhuma propriedade intelectual ou reflexiva os discursos de verdade. Há outros em que o impacto derivado da visibilidade e enunciação de diferentes possibilidades de uso do corpo e prazeres e de constituição de família torna repugnante quaisquer formas de pensamento crítico que legitimem algum saber que não seja aquele derivado do dispositivo de aliança que prevê uma família tradicional, monogâmica e de sexo entre cônjuges heterossexuais (FOUCAULT, 2014). Em outro ponto há os indivíduos que, ao discordarem daquilo que é visível e enunciado, buscam uma reflexão mais ou menos profunda sobre o assunto (sexo na família), sem, no entanto, deixarem de resistir de dentro do próprio dispositivo e estarem assujeitados às imposições de seus discursos de verdade.

Segundo Adorno e Horkheimer (1973) a família depende da realidade social, não somente por ser afetada pelas sucessivas concretizações históricas, mas, também, por ser, por ela, socialmente mediatizada. As injunções do dispositivo sobre a família tem sempre um caráter normalizador (MARCELLO, 2004). Embora haja pais resistentes a certos imperativos do poder, o assujeitamento parece ser a principal saída. O dispositivo é sempre expansivo. Aos que aprofundam no pensamento contraditório haverá sempre a possibilidade de legitimar algo daquilo que é dito como próprio (BAUMAN, 2003). No entanto, ao mesmo tempo em que legitima parte do discurso enunciado pelos pais é que de fato o poder os desapropria em seu papel de educador sexual.

As sociedades disciplinares e de controle têm sua sustentação na produção de discursos de verdade. No ocidente, a *scientia sexualis* multiplicou esses discursos de verdade e consolidou todo um despropósito sexual (FOUCAULT, 2014). O sexo foi sucessivamente reduzido e classificado. As incitações a dele sempre falar e a vontade de saber eram meios e fins para sustentar o poder sobre aqueles que tinham na simples escuta ou no ato científico de

extrair a confissão, a possibilidade de decretar a verdade final sobre o sexo (FOUCAULT, 2014). Aos pais cabia sempre a tarefa-função de extrair as verdades (o segredo) dos filhos que deveriam confessar todos os atos e quaisquer transgressões de conduta de natureza sexual.

A educação sexual integra o repertório de estratégias em que o poder faz circular nos lares todo o seu poderio discursivo e de produção de verdades. O papel de educador sexual não se estrutura e se efetua como algo derivado propriamente do saber paterno. É antes uma reprodução pelos pais dos discursos desse dispositivo que não só criou o sexo e a sexualidade como também as regras do jogo e aqueles que dela farão parte (FOUCAULT, 2014). A desapropriação nos pais do papel de educador sexual é antes a constatação de que esse papel nunca foi de fato próprio dos pais, do que a observação de que em algum momento na história esses foram desapropriados do poder de nomeá-lo e exercê-lo livremente à sua própria maneira. O papel de educador sexual é uma função pela qual o dispositivo sustenta os seus jogos de poder e estratégia de dominação (FOUCAULT, 2014). Papel em que os pais cumprem a função-objeto de tornarem visíveis e enunciados saberes discursivos que tecem a rede multilinear do dispositivo de sexualidade (FOUCAULT, 2014).

Aos pais que aceitam sem restrições as verdades decorrentes do dispositivo, há no papel de educador sexual a junção de dois elementos desejados: o poder e o prazer. Poder em fazer o filho confessar os seus segredos e prazer que deriva da revelação de desejos sexuais ocultos (FOUCAULT, 2014). Já aos pais que procuram resistir de dentro do dispositivo cabe outra sensação da mesma ordem de poder-prazer: aquele derivado da percepção de que a luta pelo reconhecimento das diferenças, mesmo que parcialmente, foi vencida, não importando o (des)conhecimento de que na verdade houve apenas uma expansão do dispositivo pelo assujeitamento desses resistentes frente a novas verdades e modos de subjetivação.

No entanto, é válido questionar sobre a possibilidade de cumprimento do desejo naqueles pais que veem no dispositivo de aliança alguma saída para alcançarem, ao mesmo tempo, a manutenção da família tradicional e o papel de educador sexual. A educação sexual é um produto do dispositivo de sexualidade ao qual recaem outros pressupostos e objetivos estratégicos diferentes do contexto e época do dispositivo de aliança (FOUCAULT, 2014). Esse movimento de retorno aos ideais e valores do dispositivo de aliança não parece sustentar apenas o caráter conservador de pais que não querem abrir mão daquilo que garante a manutenção da família e do uso dos prazeres ao modelo tradicional. O desejo pelo poder-prazer vai para além do controle sexual dos filhos nos moldes garantidos pelo dispositivo de sexualidade para se fixar também sobre uma estrutura rígida patriarcal. Esses pais visam

impedir a redistribuição de poderes e a perda do prazer originários da posição-função que ocupam na família tradicional, em que, economicamente, estão investidos de maior poder.

Numa sociedade marcada pela produção de discursos de verdade científicos é impossível pensar numa real apropriação pelos pais do papel de educador sexual. Tal pensamento não só é conservador como evidencia uma onipotência paterna que jamais se exerceria numa sociedade marcada pela ausência de limites entre os espaços e pela invisibilidade do poder (COSTA, 2004). A multiplicidade de discursos de verdade esvazia o sentido dessa função educadora e os meios de comunicação de massa impossibilitam a hipótese de pensar os pais como elementos diferenciados na responsabilidade de transmitir os valores sobre o sexo e o corpo.

Diante desse quadro, tem-se, portanto, que é através da forma como o poder se estruturou e operou a sua lógica de dominação desde a sociedade disciplinar até a sociedade de controle que a desapropriação nos pais do papel de educador sexual se consolida. As amarrações nessa teia de discursos de verdade (o dispositivo de sexualidade) atuam antes para formatar os pais naquilo que se deseja neles controlar e evidenciar, do que, de fato, para fornecer a estes uma base sólida e a autonomia necessária para a construção social do papel de educador sexual. O dispositivo impossibilita qualquer situação em que este papel se efetive com ausência de quaisquer preconceitos, assujeitamento e normalizações. O controle exercido sobre os pais implica numa normalização predefinida e limitada de gozo do poder nessa função social (CARNEIRO, 2013). Os pais não só são desapropriados do papel de educarem os filhos sexualmente, bem como dificilmente percebem que o que os desapropriam, da mesma forma, transpassam os seus filhos através das injunções totalizantes que moldam os seus comportamentos, gostos e tendências sexuais. Mais do que isso, é por essa estratégia de controle que pais e filhos são de fato educados e domesticados no que diz respeito à sua própria sexualidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desapropriação nos pais do papel de educador sexual dos filhos é mera constatação do modo em que o poder, o dispositivo e o sexo se construíram e se organizaram historicamente. O mais correto seria pensar na educação sexual como uma função-produto do dispositivo que não se restringe aos pais, pelo contrário, está investida em qualquer coisa (objeto) do meio social em que possa operar e controlar (televisão, jornais, redes sociais, grifes de moda, escola, etc.). Aos pais compete cumprir com essa função educativa na família

mesmo que estejam impregnados de verdades que não lhes sejam próprias. Qualquer outra possibilidade nesse sentido depende de uma reorganização da sociedade quanto à economia dos corpos e prazeres (FOUCAULT, 2014).

Para isso é preciso pensar hipoteticamente numa sociedade que vença a ordem de produção de discursos de verdade. Antes, porém, deve-se aceitar a perspectiva de que a natureza do mundo atual é sistêmica e que a interdependência para realizar certas tarefas não permite a qualquer indivíduo ser portador de alguma verdade que não seja a sua (BAUMAN, 2003). Para isso, devem-se propiciar os devidos recursos para que todos os indivíduos *de jure* (aqueles que não respondem por si próprios) se transformem em indivíduos *de facto* (aqueles que respondem por si próprios) (BAUMAN, 2003). A solução para o problema da constatação da desapropriação parece estar na percepção individual de que diante dessa interdependência compete a cada indivíduo ser o único responsável pela produção de sua realidade em torno do sexo e sexualidade, sem qualquer juízo crítico ou de valor que incida numa negação do direito de verdade que seja própria do outro.

Assim, esse trabalho de pesquisa abre outro campo de possibilidades para se discutir o futuro da família contemporânea. Pensar que a razão das resistências está na luta contra os imperativos da sexualidade numa sociedade em que o poder opera estrategicamente pela normalização e assujeitamento a partir da construção e imposição de verdades, não soluciona o problema do desapropriativo na educação sexual familiar. Não é nesse tipo de resistência, nem mesmo no retorno aos valores e ideais do dispositivo de aliança que os pais se apropriarão do papel de educador sexual. Isso se dará num espaço aquém aos domínios e ordem do dispositivo. É preciso antes desvalorizar e anular o discurso totalizante de que por detrás do sexo deve haver sempre uma verdade. A solução está no espaço em que o sujeito-pai consiga sustentar seus valores e ideais contra as injunções totalizantes de uma sociedade que se sustenta pelo controle através dos discursos de verdade. Só assim, assumindo uma postura de relatividade frente aos valores alheios, diante das múltiplas possibilidades de uso do corpo e de seus prazeres é que o sexo e a sexualidade se tornarão resultado de uma construção íntima e autônoma. É aqui que se localiza o verdadeiro espaço de luta para a apropriação do papel de educador sexual pelos pais. Numa lacuna em que o dispositivo de sexualidade se vê limitado no seu arsenal estratégico de expansão e ordenação do poder pela impossibilidade de normalizar quaisquer verdades nos sujeitos.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Wiesengrund; HORKHEIMER, Max . *Temas básicos da sociologia*. São Paulo: Cultrix, 1973.

AGUERO, Rosemere de Almeida. *A construção do discurso sobre o trabalho infantil: mídia, imagens e poder*. 2008. f.137. Dissertação (Mestrado em Letras - área Estudos Linguísticos) – Programa de pós-graduação em Letras. UFMS. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.

BORDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BRANCO, Guilherme Castelo. *As resistências ao poder em Michel Foucault*. Trans/Form/Ação, Marília, n. 1, 2001, Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732001000100016>. Acesso em: 17 fev. 2016.

CARNEIRO, Henrique Figueiredo. Lei, culpa e a eliminação da diferença no laço social. In: FERRARI, Ilka Franco; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. (Org.). *Psicanálise e Violência: sociedade, juventude e literatura*. Curitiba: Editora CRV, 2013. p. 79-88.

CIRINO, Oscar. *O desejo, os corpos e os prazeres em Michel Foucault*. Mental, Barbacena, n.8, jun, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272007000100006>. Acesso em: 23 mai. 2016.

COSTA, Rogério. *Sociedade de controle*. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, n. 1, Jan./Mar., 2004, Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392004000100019>. Acesso em: 28 mai. 2016.

DELEUZE, Gilles. Que és un dispositivo? In: BALIBAR, Etienne; DREYFUS, Hubert; DELEUZE, GILLES et al. *Michel Foucault, Filósofo*. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Barcelona: Gedisa, 1990. p. 155-161. Disponível em: <<http://escolanomade.org/2016/02/24/deleuze-o-que-e-um-dispositivo>>. Acesso em: 21 ago. 2016.

_____. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação*. Revista Brasileira de Educação, Campinas, n. 20, mai./jun./jul./ago., 2002, Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a07.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 4. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. *A ordem do discurso*. 3 ed. Tradução de Laura Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *A arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária. 2008.

_____. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2014.

FREITAS, Ernani Cesar; PRODANOV, Cleber Cristiano. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Rio Grande do Sul: Universidade FEEVALE, 2013.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. *Dispositivo da maternidade: mídia e produção agonística de experiência*. 2003. f. 180. Dissertação (Mestrado em Educação – área Educação) – Programa de pós-graduação em Educação. UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.